

História

Por Randal Braz

A Música

A Música é o resultado da organização dos *eventos sonoros*. É considerada como meio de expressão, pelo seu apelo emocional e comunicativo, como Arte, pelos seus aspectos culturais e como Ciência, pela essência dos seus elementos.

A palavra Música vem do grego Mousiké ou Mousichá, que significa Arte das Musas. De acordo com a mitologia grega, as Musas eram divindades da inspiração poética e das artes. Filhas de Zeus, deus da inteligência, e Mnemósine, deusa da memória, as musas eram nove:

Calíope, da poesia, Clio, da história, Euterpe, da música, Melpómene, da tragédia, Terpsícore, da dança, Erato, da elegia, Polímia, dos hinos, Urania, da astronomia, eTália, da comédia.



A música acompanha as civilizações desde que surgiram, mas não podemos datar o momento de seu nascimento. No entanto os vestígios, deixados pela humanidade, registram sua evolução na história. Exemplos como o do ravanastron, instrumento de cordas inventado há aproximadamente 7.000 anos, e como o de pinturas rupestres, com no mínimo 40.000 anos, mostrando o homem dançando, servem como referência para que possamos situá-la no tempo.

Antigamente os povos primitivos usavam a música com finalidades espirituais, pois era considerada de origem divina. Entretanto a música desta época não pode ser ouvida, pois não havia meios de registrá-la. Mas, é possível ter uma idéia de como seria, apreciando as manifestações das sociedades primitivas, como as indígenas, encontradas no Amazonas ou na Nova Guiné.

Com o passar do tempo e com os esclarecimentos da ciência, a música veio desvinculando-se do misticismo, tornou-se mais sofisticada, e passou a acompanhar os diversos acontecimentos sociais. Hoje é usada com vários propósitos: comunicação de idéias, na dança, ambientações, entretenimento, terapia, louvor espiritual, em trilhas sonoras para espetáculos teatrais, filmes e comerciais, Arte, e no geral, em todos os casos em que se queira estimular ou manipular a imaginação humana por meio de sons.

Enquanto fenômeno físico a música age poderosamente sobre a matéria. Chegando a ponto de afetar os organismos e promover no indivíduo as mais variadas reações. Pesquisas científicas revelaram que certas combinações sonoras são capazes de acelerar ou retardar as batidas do coração, relaxar ou irritar os nervos e a musculatura, alterar a pressão sanguínea, o ritmo da respiração, e a digestão, além de produzir alterações nos processos intelectuais e mentais (concentração, emoção, desejos, etc.).

Compositor e Interpretre

O responsável pela combinação dos elementos sonoros é o compositor, que pode ou não estar consciente dos efeitos gerados por sua música. Porém, o ato de compor exige uma compreensão mínima de diversas particularidades sonoras, que dependendo da maneira como forem aplicadas poderão conferir ou não riqueza e qualidade estética à obra.



Outro responsável pela qualidade da composição é o interprete. É ele que realiza a execução dos sons da maneira estipulada anteriormente pelo compositor. Para que isso seja possível foi criada a grafia musical (notação musical), que é uma forma de escrever os sons juntamente com os detalhes de sua execução. A evolução da grafia musical teve início na Idade Média e foi fundamental para a divulgação e propagação dos conhecimentos desta área, principalmente na época em que não havia recursos modernos de gravação como temos hoje.

Períodos Musicais

A maneira particular de escolher e arranjar os elementos sonoros se chamada estilo. Ele pode ser definido de acordo com a sensibilidade de cada compositor, as limitações impostas pelos instrumentos e interpretes, a preferência dos ouvintes de uma época ou cultura, e pela influência do estilo de outros artistas.

Identificando os estilos próprios de cada momento da evolução humana, podemos dividir a história da música em sete grandes períodos: Música antiga – referente, principalmente, a música oriental; Música medieval; Música renascentista; Música barroca; Música clássica; Música romântica e Música do século XX ou contemporânea. Como não se pode definir com exatidão o momento em que um estilo sobrepõe outro, por ser um processo lento e gradual, e pelo fato de que não deixam de existir, as datas que se apresentam a seguir são meras referências:

❖	Música antiga	– até o séc. XI.
❖	Música medieval	– do séc. XI a 1450.
❖	Música renascentista	– de 1450 a 1600.
❖	Música barroca	– de 1600 a 1750.
❖	Música clássica	– de 1750 a 1810.
❖	Música romântica	– de 1810 a 1910.
❖	Música do séc. XX	– de 1900 em diante.

De acordo os princípios de elaboração da composição musical, no que se refere à qualidade estética e originalidade, é comum dividir a música em:

- **Folclórica** – música de autor desconhecido, transmitida oralmente e aceitas como parte da tradição de uma região, país ou povo.
- **Popular** – música com formas curtas e menos sofisticadas e de apelo emocional ou comercial.
- **Erudita** – música elaborada de forma que a atração estética resida na clareza, no equilíbrio, austeridade e objetividade da estrutura formal.

O Violão e sua Evolução



O arco musical pré-histórico (cerca de 15.000 a.C.) é o ancestral mais antigo dos cordofones. Inspirado no arco de caça trata-se de um arco com um objeto ressonante capaz de amplificar o som, semelhante ao *berimbau* que hoje encontramos em rodas de capoeira. Vários instrumentos foram criados seguindo o princípio do arco musical, e diversas descobertas e evoluções foram feitas pelas civilizações ao longo do tempo, até que se chegasse ao violão como o conhecemos.

O surgimento do Violão acontece, durante o romantismo, quando o luthier espanhol Antonio Torres Jurado (1817-1892) definiu suas formas a partir da vihuela, instrumento originado da Kítara grega, construído pelos espanhóis com o objetivo de substituir o alaúde (em árabe Al'Ud = madeira).



Alaúde



Vihuela

Mais conhecido como Guitarra (espanhol), Guitarre (francês), Guitar (inglês), Gitarra (alemão) e Chitarra (italiano), o Violão, cujo o nome é utilizado apenas no Brasil, originou-se do aumentativo da palavra *viola*, indicando ser, o violão, uma forma ampliada da viola portuguesa (semelhante a viola usada na música caipira), e que possui muita semelhança com a *vihuela*. Os outros nomes tiveram sua origem do grego *Kítara*. É tocado como instrumento “clássico”, na execução de música erudita. Mas sua aplicação é muito mais vasta, sendo usado desde a música folclórica, passando pela música *pop* até chegar ao *jazz*. No Brasil, o violão forma o conjunto básico para a execução dos choros, juntamente com a flauta e o cavaquinho, e sempre foi o instrumento ideal para acompanhar o canto, principalmente nas áreas urbanas.



Violão Clássico

Antigamente as cordas eram feitas de tripa animal, mas no final do século XIX foram desenvolvidos violões com cordas de aço pelo norte-americano Orville Gibson (1856-1918). A partir de então, vários instrumentos surgiram com diversas inovações como pontes de altura ajustáveis, tamanho do braço ampliado com mais trastos, e formatos variados de aberturas no tampo e recortes no corpo (cut way). Além destas inovações, encontravam-se modelos menos comuns como o violão-harpa da Gibson.



Durante o século XX inovações eletrônicas mudaram os rumos da evolução do instrumento. Após 1930 surgiram os primeiros captadores magnéticos, que logo foram adaptados à boca do violão, e que levou a fabricação de instrumentos específicos com dois e três captadores, chamados de guitarras semi-acústicas.

Em 1946, a guitarra acústica (violão) ganha uma importante inovação ao substituírem as cordas de tripa pelas de nylon, mais resistentes, sonoras e de melhor afinação. Este fato ocorreu graças ao virtuoso violonista Andrés Segovia e sua insistência junto aos fabricantes de cordas, o que contribuiu para uma tradição sonora na execução de música erudita.

No entanto a utilização de cordas de nylon não se prestava às necessidades de amplificação. Assim a amplificação eletrônica prosseguiu com o uso de cordas de aço, e com o aumento do nível de volume dos amplificadores, as caixas de ressonância passaram a constituir um problema, pois vibravam excessivamente ao receberem estímulo sonoro externo. Devido a este fato, em 1958 a Gibson lançou um modelo de caixas de ressonância mais estreitas e com um bloco sólido de madeira disposto no centro da caixa, para minimizar o problema do tampo. Essas guitarras são chamadas de **Semi-sólidas**. Por fim as guitarras passaram a ter o **corpo sólido**, o que permitiu uma imensa variedade de formas e evolução dos componentes. Os sons se tornaram infinitos com a adaptação de módulos de efeitos e novas técnicas de execução, fazendo da guitarra um instrumento ainda mais versátil, e sem dúvida o mais popular de todos.

Hoje em dia encontramos diversos instrumentos melhorados pela tecnologia, tanto na constituição de suas partes como na utilização de materiais inovadores. Novos tipos de captadores permitiram a amplificação de guitarras acústicas, com cordas de nylon, aumentando ainda mais as aplicações destes instrumentos. Entretanto a idéia original permanece. As ultimas novidades dizem respeito à utilização de captadores individuais que permitem a comunicação com outros equipamentos eletrônicos como módulos de som, teclados e computadores, permitindo copiar sons de outros instrumentos ou de quaisquer que sejam as fontes.



Fonte: Apostila do Professor Randal Braz

VIOLÃO DE CONCERTO (CLÁSSICO/ERUDITO)

REPERTÓRIO REPRESENTATIVO AO LONGO DA HISTÓRIA PARTITURAS, MÉTODOS, APOSTILAS

RENASCENTISTAS – SÉCULO XVI:

Francisco Milano, Vincenzo Galilei, Miguel de Fuellana, Adrien Le Roy, Thomas Morlay, Henry Purcell, Luiz Milan, Luiz de Narvaez, Alonso Mudarra, Digo Pisador.

BARROCO – SÉCULO XVII:

Francesco Cobertta, Robert De Viseé, Francisco Campión, Gaspar Sanz, Ludovico Roncalli, Silvius Leopold Weiss.

CLÁSSICO – SÉCULO XVIII:

Frederico Moretti, Ferdinando Carulli, Francesco Molino, Dionízio Aguado, Matteo Carcassi, Fernando Sor, Mauro Giuliani, Filippo Gragnani, Leonhard Von Call, Anton Diabelli, Josef Kruffner, Luigi Bocherini, Antonio Vivaldi.

ROMÂNTICO – SÉCULO XIX:

Napoleon Coste, Giulio Regondi, Johan Kaspar Mertz, Antonio Cano.

MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS – SÉCULO XX E XXI:

Julian Arcas, Francisco Tárrega, Miguel Llobet, Emilio Pujol, Augustin Barrios Mangoré, Manuel Maria Ponce, Mario Castelnuovo Tedesco, Joaquim Rodrigo, Joaquim Turina, H. Villa-Lobos, Dilermando Reis, Radamés Gnattali, Marlos Nobre, Francisco Mignone, Camargo Guarniere, Guido Santórsola, Abel Carlevaro, Willian Walton, Albert Ginastera, Leo Browner, Henrique Pinto, Edelton Gloeden, Paulo Porto Alegre, Giácomo Bartolini.

GOIANOS - MODERNOS E CONTEMPORÂNEOS – SÉCULO XX E XXI:

Estercio Marques, Eurípedes Fontenele, Danilo Verano, Arnaldo Freire, Rodrigo Carvalho.

Bibliografia Geral

DUDEQUE, Norton. História do Violão

CARLEVARO A. Cadernos de Técnica nº 1,2,3 e 4 – Escuela de la Guitarra - Exposição de la Teoria Musical. Buenos Aires: Barry.

CAMACHO T. Escuela de la Guitarra. Madrid: Real Musical deMadrid.

FONTENELLE E. Violão ao Alcance de Todos.

GOMES O. Minhas Primeiras Notas no Violão.

PAULINHO NOGUEIRA. Princípios Básicos da Harmonia.

CHEDIAK A. Dicionário de Acordes Cifrados – Harmonia e improvisação 1 e 2. Rio de Janeiro: Irmãos Vitalli e Lumiar.

DELL'ARA M. Manuale Di Storia Della Chitarra vol. 1, La Chitarra antiga, Clássica e Romântica. Itália: Berben / Ancora.

VILARDINO A. Manuale Di Storia Della Chitarra vol. 2, La Chitarra Moderna.

HENRIQUE PINTO – INICIAÇÃO AO VIOLÃO I e II

BOHUMIL MED – TEORIA DA MÚSICA (4ª Edição Ampliada e Revisada)

CLÉVIO JOSÉ VIEIRA – MELODIAS INESQUECÍVEIS